



NO HOSPITAL DE ROYAUMONT, sustentado por subscrição aberta entre ingleses

(Cliché Excelsior)

II série — N.º 517

Lisboa, 17 de Janeiro de 1916

Assinatura para Portugal,
colonias portuguesas
e Hespanha: **Trimestre 1\$20** ctv.
Semestre 2\$40 ..
Ano 4\$80 ..
Numero avulso, **10 centavos**

Ilustração Portuguesa
Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

**REMINGTON
UMC**

**Rifle de Repetição
Calibre 22 Para
Tiro Ao Alvo
E Caça Meuda**

Para uma boa recreação no campo experimente-se este Rifle de repetição calibre .22. É leve, certo, rapido e bastante para toda a caça meuda. Não se deve temer nenhum accidente devido a que esta arma está provida com deposito solido e cão invisível. Fazem-se unicamente de calibre .22.

Repetidora Marca REMINGTON-UMC. Peçam para ver este Rifle.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil
LEE & VILLELA
Caixa Postal 420, São Paulo
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Territorio do Amazonas
OTTO KUHLEN
Caixa Postal 20 A.
Manaus

Agente em Portugal: G. Heitor Ferreira, Largo do Camões, 3, Lisboa.

Gizella
O MELHOR SABONETE

TELEPH. Nº 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ouro, 281 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quimicas, cronologia e histologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lo u) — Lisboa. Consultas a 1\$000 reís 2\$500 e 5\$000 reís



tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lo u) — Lisboa. Consultas a 1\$000 reís 2\$500 e 5\$000 reís

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas; lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga e das vias urinarias; calculos; nevralgias; rheumatismo; envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropsia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em todas as pharmacies e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & Co., Succes.,**
Rua Mousinho da Silveira, Nº 85, Porto.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR



SELLOS DE CORREIO

CATALOGO GRATIS E FRANCO

Remettam-se Folhas para escolher

POULAIN FRÈRES

44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

MAIZENA



Com "Maizena" pode-se fazer facilmente sobremesas delicadas, pudins deliciosos, queijadas, frituras, tortas, e doces. Especialmente "guarias brancas de Fructa de "Maizena" são de auxilio constante para um gra de numero de donas de casa que conhecem perfeitamente o que ha de melhor, —variando-se as frutas e os molhos conforme as estações.

IGUARIA BRANCA DE FRUCTA

Ferva-se fructa fresca, ou conservada em lata (cerejas e framboezas são as melhores). Esprema-se o sumo e deite-se assucar; ponha-se ao lume e, quando estiver a ferver, deite-se "Maizena" misturada com um pouco d'agua fria, em proporção de duas colheres de "Maizena" para cada meio quartilho de sumo. Continue-se a mexer até que fique bem cozido; deite-se immediatamente em moldes humedecidos com agua e ponha-se a arrefecer. Com nata e assucar é uma sobremesa deliciosa.

NATIONAL STARCH CO. New York, E. U.

Á venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz

Ler ás quintas-feiras o

"Seculo Comico"

PREÇO: 1 centavo

**Perfumaria
Balsemão**

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Dois reis d'epopêa

Dois reis, neste momento, trilham a Europa arastando consigo uma pompa fictícia, usando, aqui e alem, de uma hospitalidade extranha onde ha, por vezes, comiserção. A sua corôa é uma dignidade embaraçosa, o seu trono uma cousa que não existe. São duas sombras amargas que a fatalidade dos homens transformou em dois grandes reis d'epopêa. Para um, a quieta herança do velho rei



Leopoldo tornou-se um pesado, pesadissimo fardo, carregado com a desgraça de quatro milhões de belgas; o outro pensa, talvez, n'uma velha e já remota tragedia, no corpo exangue

de um Obrenowitch, morto n'um palacio de Belgrado e curva a cabeça. Alberto, da Belgica e Pedro, da Servia, encontraram-se agora. Que puderam eles dizer-se? A boa e placida face flamenga, um Mémling fugido da sua têla, ergueu-se para as feições finas, para o olhar penetrante do Slavo. A magestade de ambos é, agora, a grande e irrisistível magestade dos vencidos. Vejo, nas revistas, uma fotografia onde eles se apertam as mãos; e tenho a impressão de que uma grande figura de lagrimas, de sangue e de luto sauda uma outra visão de desespero e de impotencia heroicas, num grande clamor de Miséria e de Desgraça...

Os gatos contribuintes

Para sobre os gatos de Lisboa uma formidável catastrophe. Tal bichano que faz o seu confortavel «ron-ron» debaixo deste sol, já amavel, de janeiro, ignora, porventura, as dôres do seu futuro. Dizem que Tareco vae ser flagelado com uma contribuição que o dividirá ignominiosamente em gato de luxo e em gato caçador. «L'esprit familier du lieu», como lhes chamava Baudelaire, sofrerá a humilhação de ter de pagar á Camara uma taxa para ter o direito de continuar a viver sem inquietações. O que, sobretudo se torna deprimente, é comparal-os aos cães. Poê attribuia-lhes intenções diabolicas, Marmontel teimava que eram antigos ministros disponiveis, assim transmudados por graças da metempsycose. Todos nós lhe damos virtudes e consideramos uma desgraça matal-os. O gato é uma personagem. Pois bem. Os trinta mil gatos de Lisboa vão desaparecer em grande parte. Para esta medida, que tanto lhes diz respeito, estes apreciaveis animaes não foram ouvidos. Desconsideração manifesta que ainda mais vae acirrar trinta mil proprietarias destes bichos — e que tambem não foram consultadas. O gato é



um companheiro e um amigo, mas parece, todavia, que este companheiro e amigo terá de pagar o seu direito á vida em bom metal sonante. E como, tambem, nem todos dispõem d'esse sonante metal, quatro quintos de todos os ministros disponiveis (sempre segundo Marmontel) terão a sua S. Barthélemy atróz, por processos quimicos n'aquelle logar de delicias que se chama Abegoaria Municipal.

Um busto de Rafael Bordalo

O busto de Rafael Bordalo Pinheiro que o sr. Alfredo Pinto (Sacavem), o ilustre critico d'arte, bizarramente ofereceu á vila das Caldas, para ser colocado no Parque, está terminado e a sua «maquette» em exposição no salão nobre do Teatro Nacional. Vi uma unica vez Rafael Bordalo, ha muitos anos já — mas logo o reconheci, flagrante



de vida e de verdade no busto do escultor Ruy Bastos. Detalha-o tão bem com o seu cinzel como tão bem Julio Cesar Machado o descreveu com a sua pena. Ruy Bastos é, na verdade, um belo e sentido artista que trabalhou na sua «maquette» com um magnifico e enternecido escrupulo.

Tem vigor, energia, concisão. A expressão da boca é admiravel, a «aisance» com que do largo colarinho sae a bela cabeça do Mestre, revela-nos um amor da linha larga e arrojada. As Caldas da Rainha deverão agradecer a Alfredo Pinto a sua boa e generosa oferta, mas nós, lisboetas, não devemos ficar muito satisfeitos. O verdadeiro logar para o busto de Rafael Bordalo Pinheiro seria no largo da Abegoaria, onde ele viveu muitos anos, onde talvez fosse feliz e onde, seguramente, sofreu.

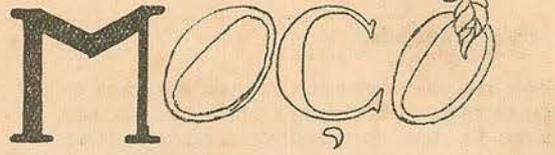
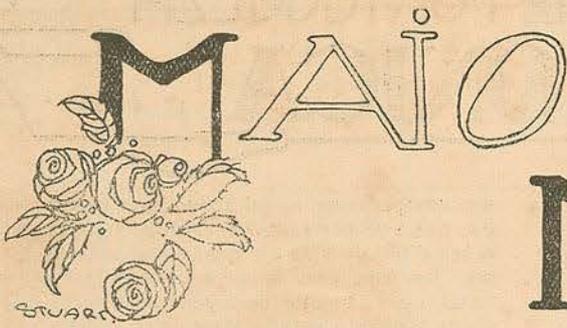
A Escola d'Arte de Representar

Realisa-se hoje, no Nacional, a costumada recita dos alunos da Escola d'Arte de Representar. De novo ouviremos os largos ritmos do «Auto do Fim do Dia», de Antonio Correia d'Oliveira. Lopes de Mendonça dar-nos-ha o «Pierrot Anarquista» e Julio Dantas uma das cenas mais vibrantes



do «Rei Edipo. Um excelente e curioso espectáculo, provas de exame, afinal, que serão, sem duvida brilhantes, graças ao esforço continuo e progressivo de uma orientação que está dando os seus frutos e que em breves anos será grande e duradoura.

MARIO DE ALMEIDA.



O ladrão do maio
deu d'amores comigo!

O pov.:

—*Em maio...*—lia a Rosinha, sentada á sombra verde dos grandes limoeiros do quintal, á sua velha e bonita tia Gloria—*semeia melões e melancias, que já não é cedo, salsa, coentros, pimpinela, azedas. pevides de beringuela, feijão em terras humidas...* Mas a tia Gloria suspendeu aí a leitura.

—Adeus, pequeno! Quando viestes dos teus estudos?

—Ha quatro dias, tia Gloria. Como passou?

—Tia?—perguntou Rosinha, interessada.

—Não, filha!... E' o «meu Eduardo...» «Meu», é costume. Não sei se bom, se mau... Este rapagão—explicou—é o sobrinho da Maria do Carmo.

—Ah! Sou muito amiga de sua tia!

—A minha sobrinha Rosita! E acrecentou, com ironia:—Os pecados que Deus me havia de dar...

—O' tia Gloria! Este senhor...

—Ai, não sonhes, pequena. Não sonhes, que o rapaz vae para padre. Pelo menos é o que se conta... Que eu cá não acredito muito no que se conta a tal respeito!... Sim...

—Verá! E Eduardo, intrigado, perguntou com delicadeza a Rosinha:—Pode saber-se o que mais diz o seu reportorio?

—Ai! não calculas como estas terras me vão, este ano—adiantou a tia Gloria. Se quizer morangos, hei de compral-os; as minhas lindas rosas brancas, não m'as podaram, não sei delas; lembraste daqueles grandes peegos, os «Santa Suzana», que eu tinha lá em baixo? pois menino, nem sinal d'eles, este ano! Eu não tive violetas para o meu Menino-Jesus! Não tive nozes! Os meus rainuculos desapareceram! Olha, uma casa sem um homem não faz governo. E' o que eu te tenho a dizer.

—Pois é claro!

—Menina!—exclamou quasi ofendida a tia Gloria. E Rosinha, córada, séria, fez um ligeiro movimento de conformidade, acomodou-se na cadeirinha de palha doirada, e voltou a lêr, n'uma voz estremecida, que causava suspeitas...

—Tudo se me foi!...—desabafou ainda a tia Gloria.

—*Pevides de beringuela...*

—Já leste isso, pequena!...

—... *feijão em terras humidas, milho e melões de cheiro...*

—Isso!—comentava, acenando afirmativamente com a sua linda cabeça branca, um tudo nada refletida do sol.

—... *planta hortaliças, segurelha, hortelã, tomateiros, malaguetas...*

—Espera!—volveu. O' Eduardo, as rosas de hontem, da novena do Mez-de-Maria, estavam frescas?

—Muito lindas, sr.^a D. Gloria! As vermelhas, então, eram um encanto!

—Não lh'o dizia eu, tia Gloria!

—Socega, pequena. Rosas vermelhas a Nossa Senhora, que mania. No meu tempo, flores do altar no mez de maio eram madresilvas e rosas largas de palmeirão! Mudam-se os tempos...

—... mudam-se os gostos!...—adiantou Rosinha.

—Não que os gostos de hoje!...

—Não quero contrariá-la, tia Gloria, mas o sr. Eduardo tambem gostou muito das vermelhas...

—Continúa o reportorio.

—... *planta... planta... planta...*—dizia Rosinha, tremula, correndo as linhas miudas do «Saragoçano», e sentindo que as letras lhe fugiam ora para traz, ora para diante...

—Malaguetas—afirmou Eduardo, sorrindo.

—Bravo! Como está sereno!—comentou ela, ruborizando-se. *Hortelã, tomateiros, malaguetas...* E logo, com firmeza e esforço: *ciprestes e sobrieiros; monda os trigos...*

—Os nossos já estão...

—Desse modo a tia Gloria não me deixa lêr hoje o reportorio!...

—Sume-te, pequena! Que nervosa que estás! E acomodando-se, perguntou: O' Eduardo, é verdade, o nosso «Zézinho», hontem, na igreja, á hora da novena, teve muito medo da trovoadá? «Zézinho», o povo. Já sabes o meu costume...

—Não, sr.^a Dona Gloria!...

—Dona Gloria?! Que mania! Eu bem sei que não sou tua tia...

—Mas ainda o pode vir...

— Rosinha! Que imprudencia!
— Não teve medo—continuou Eduardo, com vontade de rir e sentindo-se a modos de feliz. Estávamos á ladainha. Todavia, uma das fais-

grande pinheiro manso da encosta! Trezentos anos de meditação e fabula!...

— Dizias tu, pequena...

— Não disse, mas ia dizer que o sr. Eduardo



cas pareceu ter estalado sobre as telhas velhas da igreja.

— Um susto?

— Não, minha senhora. Foi apenas um «ora pro nobis» mais ancioso!... Ao cabo, quem perdeu foi o Morgado das Farias: caiu-lhe o

sente curiosamente as coisas da terra!...

— E' favcr seu...

— Lê-me o reportorio, lê-me o reportorio! Ah! que vinte anos!...

— *Monda os trigos!*...— continuou Rosinha, sorrindo nos olhos pretos á tranquillidade aparente do estudante. — *Limpa as vinhas do pulgão*... E não poudo mais, riu, numa gargalhada quente, inquieta, interessantíssima.

— Acabou!— disse grave e decidida, deslocando os olhos da testa, a tia Gloria.

— Pelo amôr de Deus!...— rogou a sobrinha. E apressou-se logo a procurar a linha interrompida, revolvendo-se na cadeira, numa vontade anciosa de rir mais.

— O que ha de pensar este rapaz, Deus meu! Então, Rosinha, ficou suspensa, como que maguada, o reportorio contra o avental de linho cru, as orelhas carminando-se-lhe de

intriga, de onde as argolas finas rompiam em arcos brilhantes, acaso perdidos pelo sol do meio dia, terras fóra da aldeia alegre. Ah! que impossível severidade, a de 1850!... Agora, as palpebras, como que caídas em respeito e ternura, por todo o rosto cerimonioso, e a bôca, a sua pequenina bôca rubra e infantil, pareciam, no silencio prolongado do jardim, quererem sumir-se de pieguice e de encanto...

— Continúa e... acaba!...

— *Apanha os linhos maduros...* — recitava, medrosa e movendo sobre o rosado fresco do rosto, como inquietas e exaltadas abelhas negras, as grandes pestanas longas e perfeitas. Eduardo fitava os longes, aquela chapada bravia do pinheiral que trepava, além, no morro, depois dos linhos doirados e azues, que ondeavam, chã fóra, como entre flôres e plumagem macias de aves, iniciado agora n'uma impressão de ternura que o suspendia da terra e lhe pedia, a par do prolongamento harmonioso da sua facilima emotividade, o romantico, tranquilo agrado de um encosto para a sua frente pouco menos romantica. Deram seis horas, dentro, no relogio de pesos da sala de jantar, que era proxima e se abria toda para a varanda vermelha do predio, adornada de caixilhos com velhos azulejos arabes, vermelhos cravos em potes negros de Chaves, e as redondas aboboras amarelas para os bolos doirados de «jerimum». Rosinha seguia lendo, por vezes distraida, perdendo aqui uma palavra, além outra, e a precaver-se continuamente das desconfianças da tia Gloria, que olhava as terras, para a igreja, e descansava os olhos e o grande jornal do Porto sobre a aba do seu longo vestido de chita preta. Eduardo é que nunca deixava de a interessar. Eduardo ou a linha correta, aseada e aparentemente tranquila da sua figura. O reportorio, entanto, continuava ensinando, pelos seus labios finos e dum correto desenho humidamente vermelho: — *Capa os pepinos e as vinhas... semêa mostarda e milho... enxerta as arvores de espinho... capa tambem os primeiros melões e melancias, que é tempo... tosquia as ovelhas... colhe as primeiras cereias...* E em áparte, a Eduardo, já familiar e sorridentemente: — Ha de ir logo, comigo, colher as da nossa mrenda.

— Rosinha! — exclamou Dona Gloria, como que escandalisada, ofendida. Af a cidade, a cidade!... Tua mãe cuida pouco do teu coração!... No meu tempo...

— Pelo amor de Deus, ó tia Gloria!... Não fale do que sentia quando tinha vinte anos!...

— Perdão!... — adeantou Eduardo. Vossas Excelencias estão ouvindo os sinos? São ho-

ras da minha novena. E procurando a luz do sol nas nuvens brancas do espaço, onde quasi as andorinhas chegavam, em vôo, em curva, em folia, acrescentou: — São quasi as seis e meia. Tenho a obrigação, que não é menor que a devoção...

— E é muito precisa, a sua presença?... perguntou alguém junto d'ele, suspendendo o reportorio sobre a aba clara e vendo-o bem nos olhos, já sem sombras de duvida no seu interesse. Dona Gloria reclinára-se na cadeira da ilha, contrariada. Passou uma rapariga do caseiro com o açafate novo coberto de uma alva toalha da arca. — «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!... — Adeus...» As andorinhas vieram, num vôo alegre, quasi contra a varanda, em cima. Rosinha, numa voz doce e leve, que não apagava o sôno, continuou lendo. — *No quintal semêa baunilha, planta mangericões, manjerona, valverdes, saudades...* A tarde corria de (1) o; suave de esquecimento que nem folha de salgueiro passando á superficie brande de um rio. — *Semêa flores de verão, transplanta peipetuas roxas e amarelas...* Uma das mãos de Eduardo encontrou, cautelosamente, suavemente, uma outra mão que a procurava. De ora em vez, os olhos de Rosinha vigiavam a tia Gloria, que agora dormia, agradavelmente o seu sôno brando da tardinha. E foram lendo, quasi que juntos, quasi que em côro. — *Transplanta, mais, assembleias e amarantos, planta dâlias e tira da terra as raizes das flores... a 4 semêa cravos, para viem dobrados...* Então, para a meza redonda de em frente, a creadita trouxe o taboleiro tardio do chá, os biscoitos, os bolos e um prato brunido com as cerejas novas que o caseiro havia pouco mandára. A um ligeiro acêno de Rosinha a creadita retirou... Agitaram-se de novo as duas mãos e os dois braços, agora como num arco florido para passagem de noivos, lá de onde em onde, pelos casamentos, nas estradas. Pareceu, num momento, que a tia Gloria acordára, movendo-se sonolentemente na cadeira. — *Cuida do alecrim de Hamburgo... dos girassois... dos bordões de São José... das ultimas angelicas... das Estrelas do Egypto...* A tia Gloria dormia de novo — se é que chegára a acordar. Esboçaram-se sorrisos... — *No mingunte levanta da terra as cebolas das tulipas... escolhe as rosas...*

— Ah! se soubesse quanto eu gosto das rosas!... — exclamou Eduardo.

— Dos cravos!... dos cravos, eu!

— Amen! — respondeu a mulher do caseiro, a uma vizinha da quinta, passando, de volta da novena de Nossa Senhora...

ALFREDO GUIMARÃES.

O CZAR NA INTIMIDADE



O czar da Russia, o tzarevitch e a grã-duquesa Tatiana Nicolaiвна, segunda filha do imperador

O imperador da Russia, que no atual conflito tem sido de uma atividade extraordinária, percorrendo com assiduidade os campos de batalha e procurando melhorar o mais possível a situação dos seus exercitos, não é menos assiduo aos cuidados que lhe deve a sua numerosa familia.

Quando os negocios do Estado o deixam livre,

acolhe-se ao lar, toma parte em variados brinquedos que ás creanças apraz, não tendo aquele ar severo que se attribue aos czares do grande imperio moscovita, de quem se contam verdadeiros horrores.

Nicolau II é bem o contrario do que a lenda attribue aos imperadores da Russia. Caracter fran-

co, jovial para todos, pequenos e grandes que se lhe dirijam, compreende com toda a intelligencia de que dispõe e de que tem dado provas superabundantes, que o papel de um monarca moderno é

contemporisar com os seus subditos, saber a causa do mal estar dos seus governados e prover o remedio necessario para o debelar, emfim, não desprezar a massa popular para só dar ouvidos ás classes privilegiadas que mais perto d'ele vivem.

Bom pae, bom esposo, bom rei, não lhe faltam a aureolar a sua corôa imperial as sympathias do seu povo, assim como a admiração da Europa pelo papel que tem representado n'esta guerra tremenda ateada pela Alemanha, em que se pôz ao lado das

nações aliadas na defeza da Civilização e da Humanidade.

E a essa aliança tem o czar da Russia prestado toda a sua valiosa e prestimosa cooperação,

lançando sobre os inimigos os seus poderosos exercitos que tem lutado com uma bravura digna da sua raça valente e corajosa.

Se a Russia tem sofrido alguns revezes na dura peleja que se trava, não representam eles menospreço á sua cooperação; são produto da propria guerra, e a esses revezes não podem furtar-se os mais poderosos exercitos.

Mas ella saberá tirar uma desforra condigna, fazendo pagar bem caro aos imperios centraes a sua ingloria victoria.



O tzarevitch com alguns de seus jovens primos n'um carro proprio para passear sobre a neve



Grupo da familia do imperador da Russia no palacio de Tzarskoye Selo, em Petrogrado

Um casamento aristocrático



Os noivos regressando da capela com os convidados

Na capela da casa da Castanheira, dos srs. viscondes de Godim, Barcelos, realizou-se o casamento do sr. Marco Leite de Ribeiro Teixeira Pinto Tameirão (Valado), com a sr.^a D. Elisa Maria Menezes Casado Geraldes Cardoso e Silva, tendo o ato revestido grande imponencia. Foi celebrante o sr. D. Antonio Barroso, bispo do Porto, que proferiu uma brilhantissima alocução exortando os noivos ao cumprimento do matrimonio.



2. Os noivos—3. Os convidados— (Clichés do distinto fotografo de Barcelos, sr. Soucascaux)

Ao Ilustre Presidente da Republica Portugueza

EX.^{MO} SR. DR. BERNARDINO MACHADO

Conheci-vos, Senhor, de terra idade,
N'esse encanto do *Minho*, entre mil flôres
Que brotam, livremente, como amôres,
Sob esse céu de *Luz e Divindade!*

Ereis correto já, nos verdes anos,
E já na airosa fronte de creança,
Eu via só *Talento* e lia *Esp'rança*,
Limpida como a *Fé*, sem desenganos!...

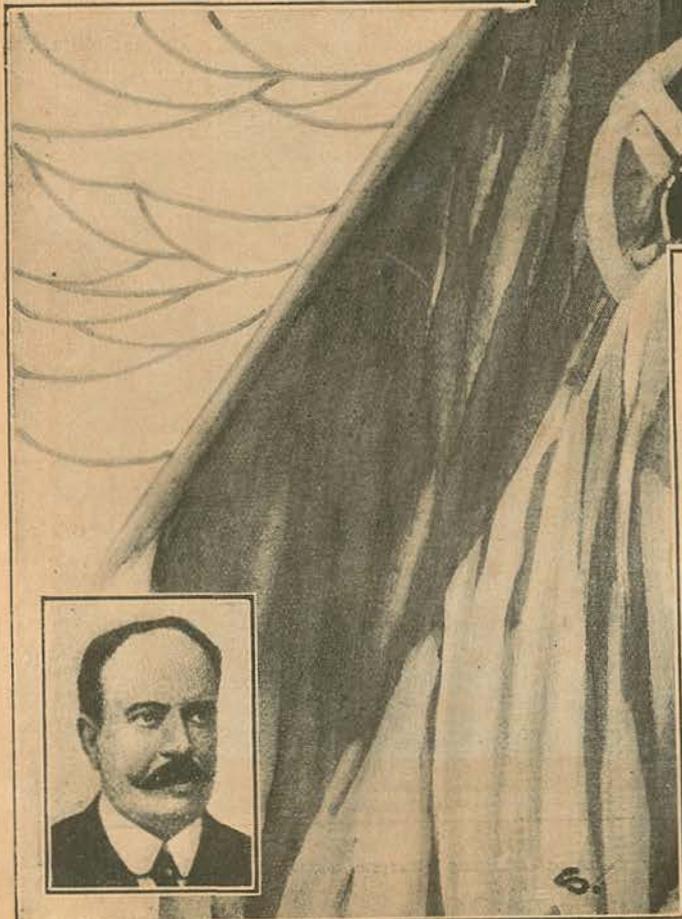
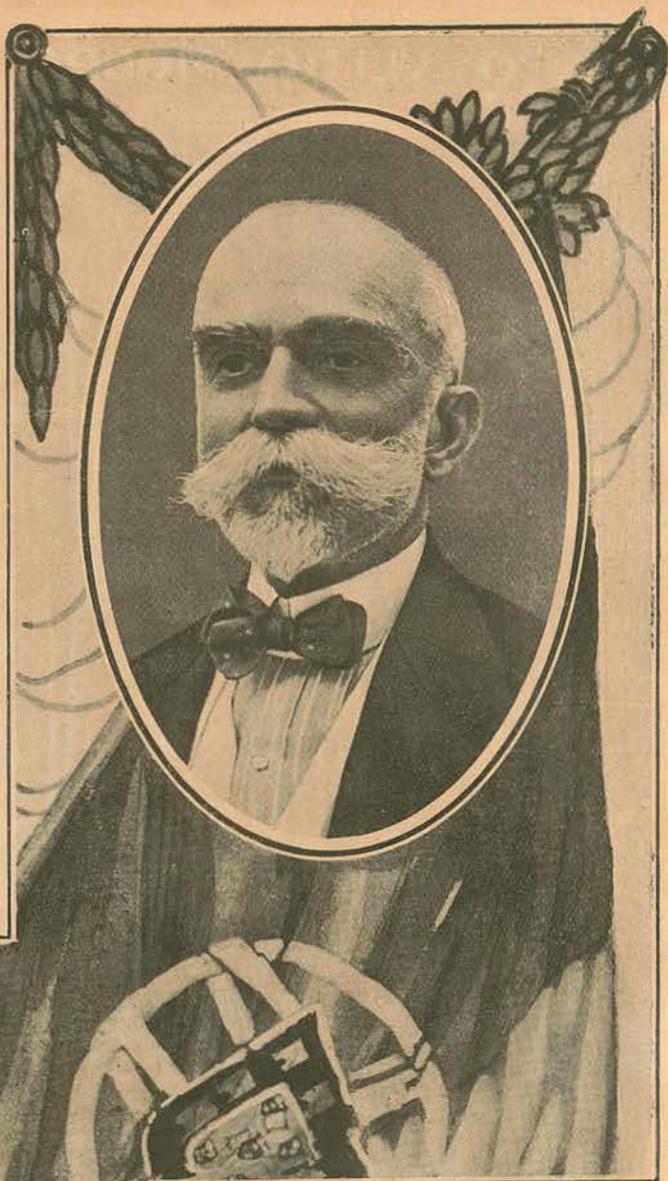
Eu era bem mais novo, mas pasmava
De vêr-vos concentrado e entristecido,
Olhando o horisonte já sumido
Ou a nuvem sombria que passava...

Ali pousado n'um verdoso outeiro,
Scismaveis docemente... E eu distante
E oculto p'la ramagem oscilante,
Em silencio fiquei, junto a um salgueiro...

Carpiam no pinhal os passarinhos,
Ciciava a cigarra no silvado,
E, ao longe, na ermida, o som alado
Lembrava ás andorinhas os seus ninhos...

Era em seu fim sereno e manso o dia,
E o fumo dos casaes, subindo leve,
Desfazia-se além, na verde sebe,
Emquanto eu suspirava e refletia...

«Que sina, entre o *Misterio*, nos oculta
«Os caminhos da vida tão dif'rentes?...
«Que sômos n'este mundo inda viventes...
«Ou mortos sob a terra que sepulta?...



E segui vossos olhos, em procura
De descobrir tambem alguma cousa,
Que não fosse um jazigo ou fria lousa...
Mas sim a errante *Estrela da Ventura!*...

E nada vi então... A oculta *Sorte*
Do porvir é *Misterio* ou vago *Sonho*...
E o passado é *Memoria* ou som tristonho,
Que se esvae com o *Tempo*, após a *Morte!*...

Passou por nós um velho d'olhos baços,
Pobre, que nos fitou, austero e duro...
E eu disse, resignado — «Eis meu *Futuro!*»
E, erguendo-me, segui seus lentos passos...

Já era noite escura... e no vall'côvo,
Ainda me voltei p'ra vós, Senhor...
E vi na sombra um vulto e, de redôr,
Mil almas que gemiam... — era o *Povo!*...

E já longe 'inda ouvi — *Eu velarei*
Por vós, que sois humildes n'este mundo...
O vosso amôr me exalta e, bem profundo,
Em min'h'alma, que chora, o guardarei.

LISBOA, 1915.

L. Lourenço d. Silva.

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Os russos bem prometiam a sua desforra ao retirarem-se de varios pontos do seu territorio sob o numero esmagador das tropas austro hungaras. Voltam eles agora á carga, refeitos em homens e em material de guerra, de uma fôrma admiravel. Não se esperava que eles voltassem á ofensiva antes da primavera.

Os proprios alemães, apesar da sua constante espionagem, não contavam ter tão cedo pela frente os exercitos do czar, poderosamente reforçados. Foram desviando alguns contingentes que tinham na Russia para outras linhas de combate, onde visivelmente fraquejam e para os decantados projetos da invasão da Grecia e do Egypto.

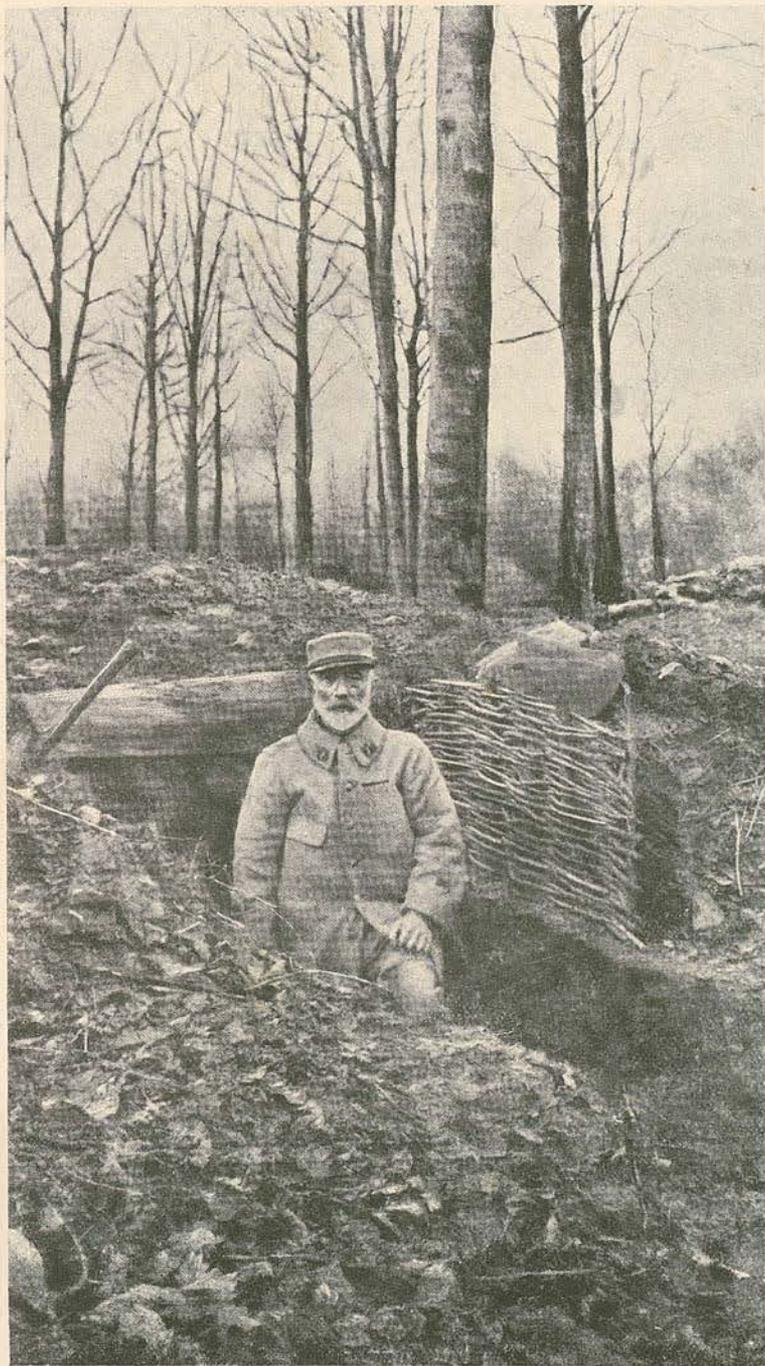
Não tardarão de certo a perder toda a Bukovina os exercitos dos imperios centraes. Os russos batem-nos furiosamente e a cada momento eles perdem as suas melhores posições. A celebre cidade de Czernowitz está quasi a render-se á hora em que tão antecipadamente escrevemos estas linhas. Os austriacos ainda a defendem desesperadamente, mas já perdem as suas melhores posições

ao norte. Em socorro de Czernowitz foram para ali os exercitos dos comandos de Galwitz e De Weerde que estavam na occupação da Servia. Defendem eles a ala direita com força extraordinaria, mas os russos continuam a avançar, segundo afirmam os ultimos telegramas.

Os alemães fizeram um ultimo esforço para reconquistarem as posições por eles perdidas sobre o Styr, conseguindo transportar para ali muitas tropas; mas falharam todos os seus contra ataques. E' um caso, para eles, irremediavelmente perdido.

Não se calcula o entusiasmo que vae por todo o imperio moscovita com a noticia do brilhante exito da nova ofensiva. Voltou aos seus exercitos o ardor e a esperança que lhes fizeram crear as primeiras vitorias. Nas fabricas trabalha-se noite e dia; os serviços de recrutamento correm com uma facilidade espantosa.

Esta obra salutar de levantamento do espirito nacional, que é uma das maiores garantias da vitoria, foi completa da por um memoravel discurso do czar depois

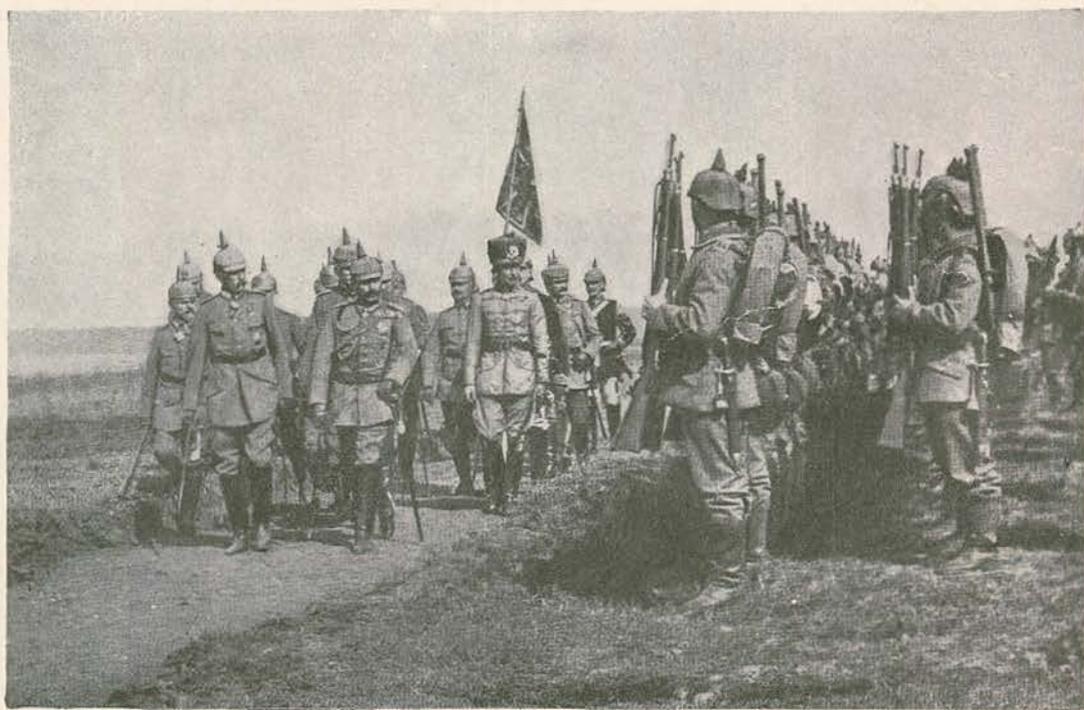


O caporal Sunug, antigo combatente de 1870, cavaleiro da Legião de Honra, incorporado voluntariamente na idade de 76 anos



de passar revista aos aguer-
ridos cavaleiros da or-
dem de S. Jorge. Declarou
o valente soberano que estava satis-
feitissimo e orgulhava-se com os sac-
rificios feitos pelos seus exercitos
em defeza da integridade do paiz.
Proclamava tambem que nunca fará
a paz enquanto o inimigo não fôr
expulso do territorio nacional, e,
mesmo assim, só procederá de inti-
mo acordo com todos os seus alia-
dos.

Nobre e patriotico exemplo!



1. Um campo coberto de gado morto pelos russos, antes de o abandonarem.—2. Atravessando um rio.—3. O Kaiser, acompanhado do Kronprinz, passa revista ás suas tropas na linha ocidental



Italia contra a Austria : — Patrulhas visando o inimigo do alto da penedia



Colocando minas no Gardasee

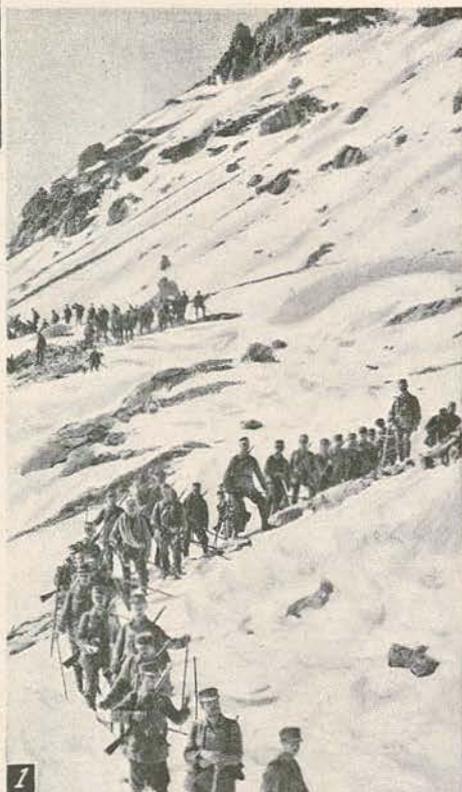


A guerra por mar: — Um torpedeiro recebendo a sua ultima correspondencia antes de se pôr ao largo.



Na fronte do Trentino: —A vedeta...

(Fot. de Ugo Visciola).

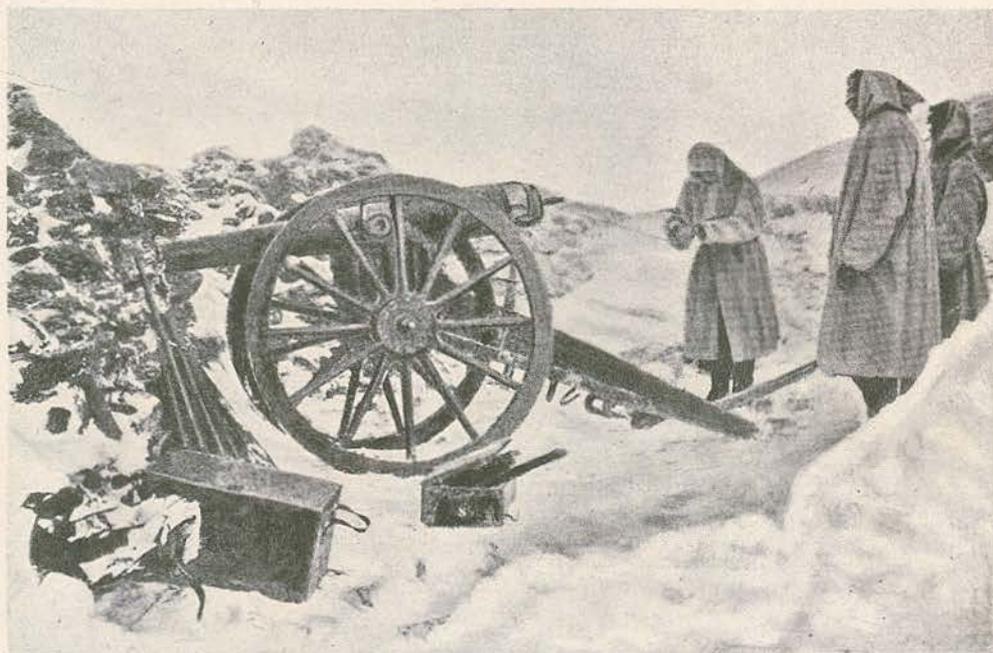


NOS ALPES

1. Preparados para descerem á primeira voz

2. Em marcha para os altos cumes

3. Exercícios sobre a neve



Artilharia em posição de fazer fogo



Italia contra a Austria : — Um grande acampamento de tropas no vale de Fischlein

A GUERRA NA POLONIA

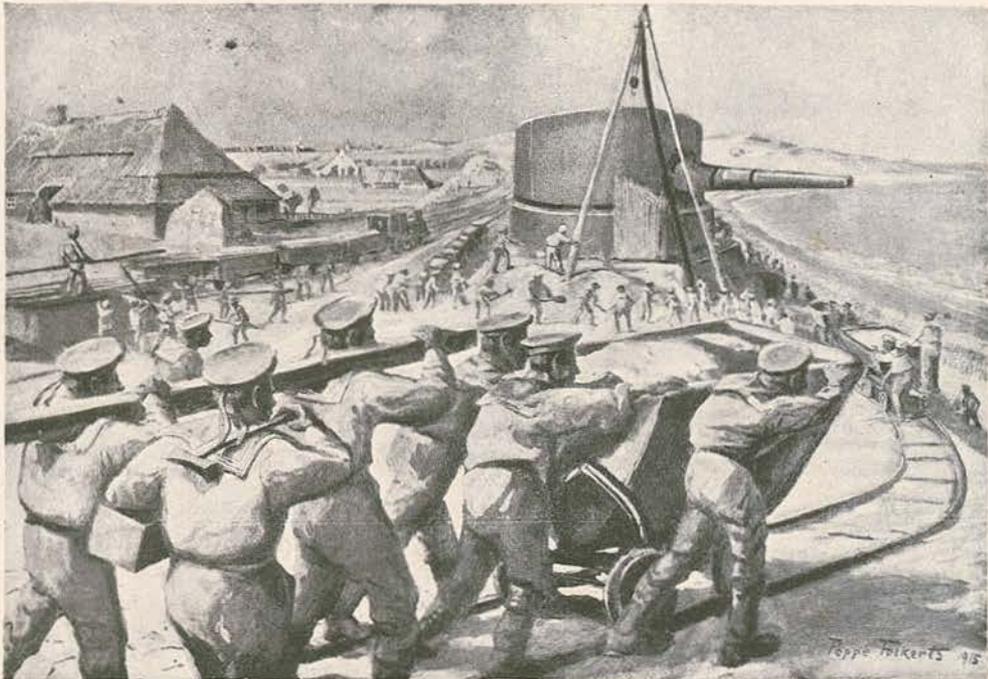


Fugitivos russos, a caminho do Oriente, para escaparem á ferocidade dos invasores



Uma missa campal do exercito italiano.

(Fot. do ten. Casoli).



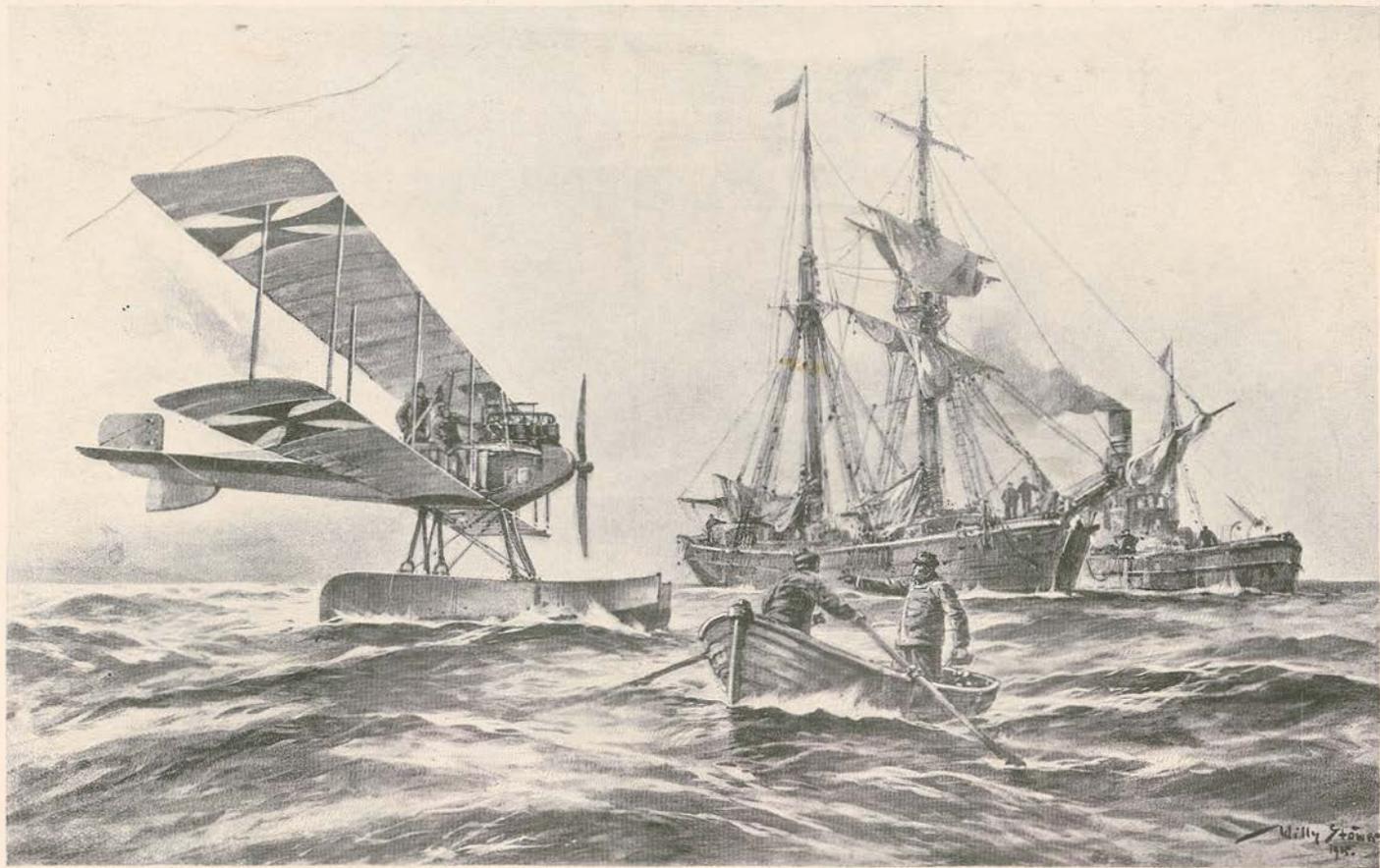
Na Flandres: — Trabalhos da defesa da costa por meio da artilharia



Atravez da lama e dos pantanos da Russia



Sentinela austriaca vigiando o Isonzo, na expectativa de um ataque italiano.



A guerra por mar : — Um hidroaeroplano aprisiona um transporte de munições



Uma oferta do Natal dos austriacos: — Um pro'etil de 420 disparado sobre o campo italiano, contendo cem kilogramas de nitro-glicerina.



O general Villaret, condecorado pelo duque de Connaught, com o grande cordão da Ordem do Banho.

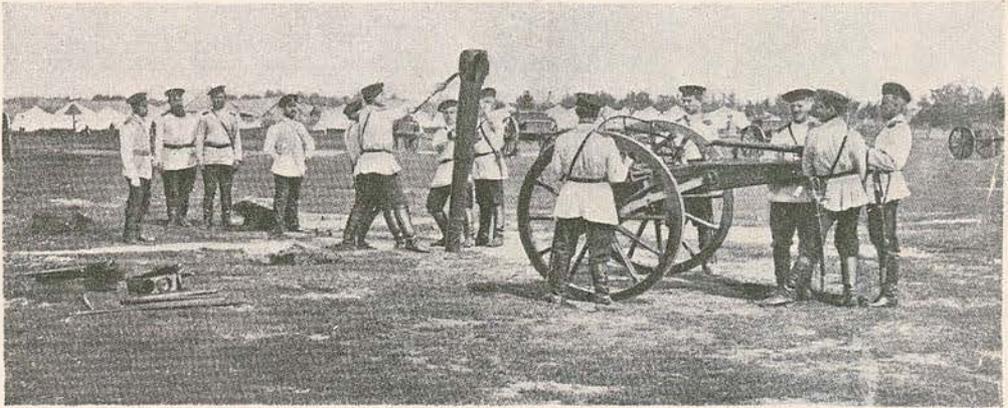


A guerra sobre o mar: — A tripulação de um submarino saudando a esquadra que passa



Postos nas grandes altitudes ao cair da neve

Oficiais do estado maior russo reunidos em conferencia

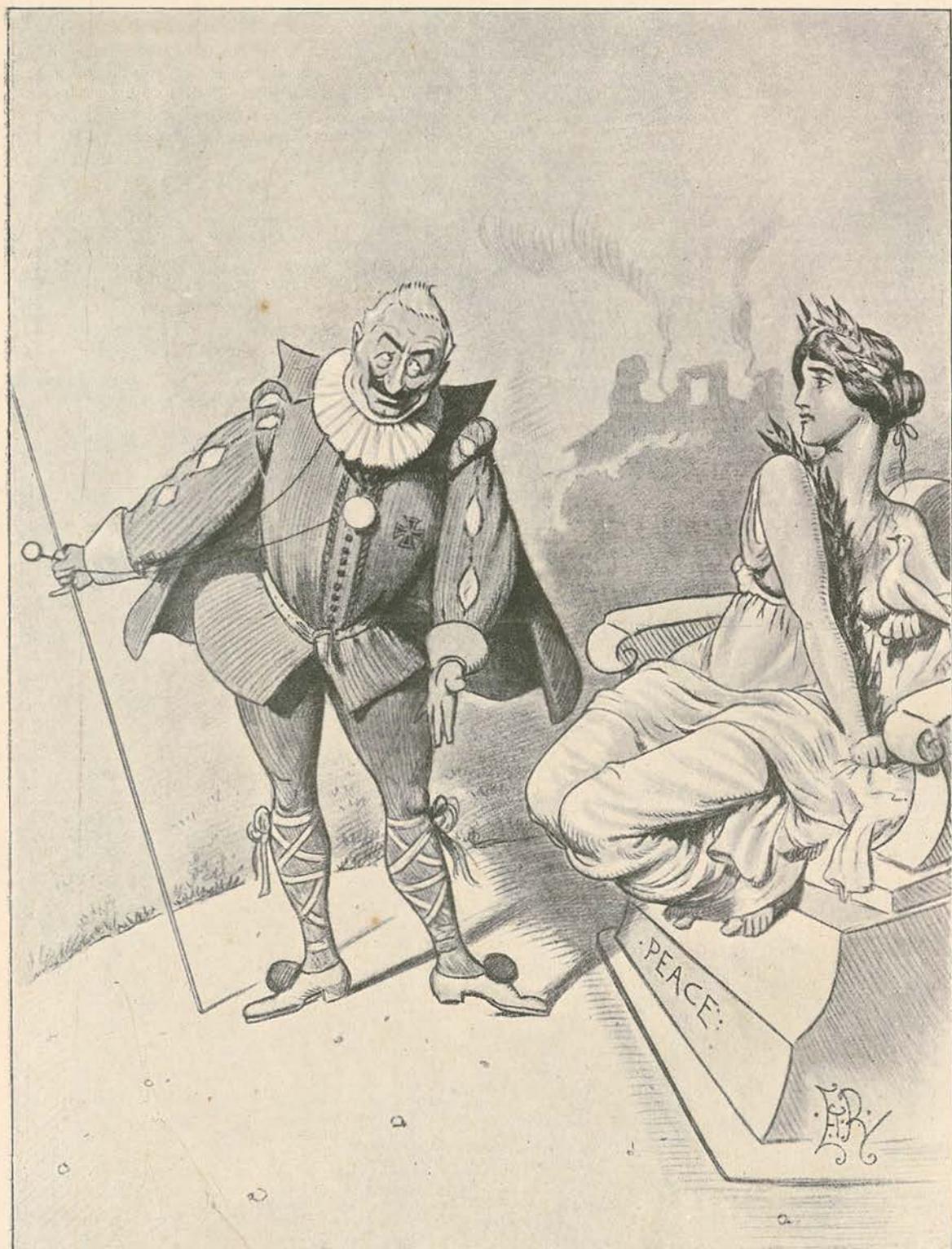


Artilheiros russos procedendo á limpeza dos canhões



Artilharia russa atravessando um rio

ELE E A PAZ



Anda tão empanturrado que julga que todos os que o vêem morrem d'amores por ele. Mas até a própria paz lhe tem horror. Sem o justo castigo da sua torpe e cruel ambição, não é possível querer nada com ele.

(The Bystander).

FIGURAS E FACTOS



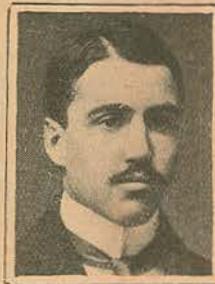
O sr. dr. Alfredo da Cunha

Uma conferencia notavel

Apezar dos seus absorventes trabalhos jornalisticos, o sr. dr. Alfredo da Cunha nunca deixou de cultivar a poesia com entranhado amor. A conferencia em verso intitulada «A influencia da mulher na poesia e nos poetas» e recitada n'uma festa elegante e artistica dada no seu palacio, conferencia recitada por sua esposa, a sr.^a D. Maria Adelaide Coelho da Cunha, uma senhora tao instruida como notavel «diseuse», foi agora publicada n'uma edicao elegantissima, fora do mercado. Já a «Illustração Portuguesa» se referiu tanto á brilhante festa como a este magistral trabalho poetico.

Vilancetes

O distinto poeta sr. dr. José Coelho da Cunha deu-nos mais um precioso livro de versos. São 14 vilancetes, qual d'elles mais bello na forma o deliado na essencia. Pelo que a «Illustração Portuguesa» publicou no seu numero anterior, pôde-se apreclar o valor e a perfeição encantadora d'essas composições de tao difficil estrutura e tao exigentes de melodia. Filho de um poeta insignne, como é o dr. Alfredo da Cunha, e neto de outro não menos insignne, como foi José Germano da Silva Pereira e Cunha, o dr. Coelho da Cunha é o digno representante de uma familia de poetas illustres.



O sr. dr. José Coelho da Cunha



Maria Maganna Lopez, soprano dramatico da companhia do Coliseu dos Recreios

Nascida no Mexico e casada muito nova foi a Milão com o marido que ia ali tratar de negocios particulares.

Acompanhando uma amiga a um salão onde se ensaiava um concerto, foi ouvida por um empresario que logo lhe ofereceu escritura.

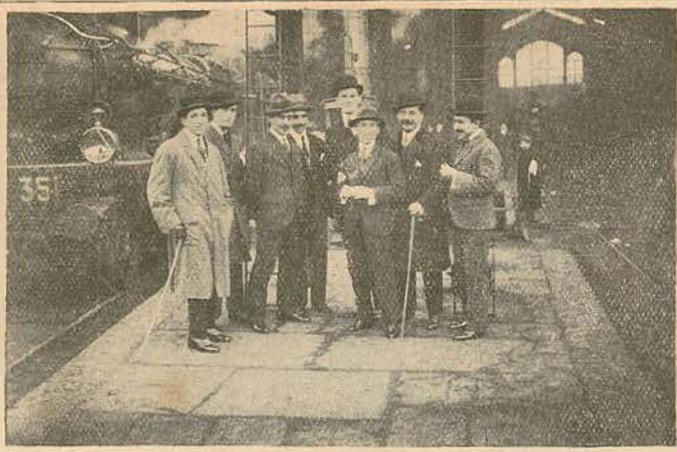
Mas... tinha de ser. Morto repentinamente o marido, aceitou o contrato e foi estreiar-se na «Gioconda», no Adriano de Roma, passando logo ao Costanzi e d'ahi a Milão. De triumpho em triumpho tem corrido toda a Italia, cantan-

do tambem em New-York, sempre com imenso agrado. As suas operas prediletas são a «Norma» e o «Nabuco» em que é surpreendente. Veiu do Scala para o Coliseu, d'onde voltará para ali. O modo brilhante como cantou a «Aida» e a «Gioconda», a doçura e egualdade da sua voz, o timbre fresco e agradável, o modo como «ataca» os agudos pianissimos abrindo-os e segurando-os e os tres esplendidos «dós» agudos da «Gioconda», ganharam-lhe em Lisboa os fóros merecidos de cantora de «scol».



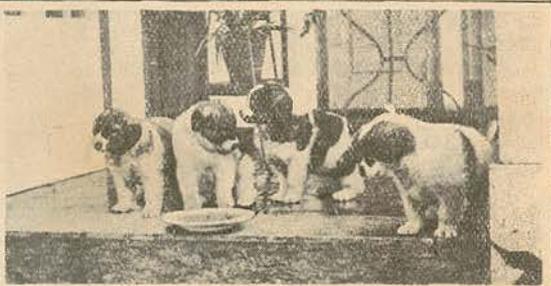
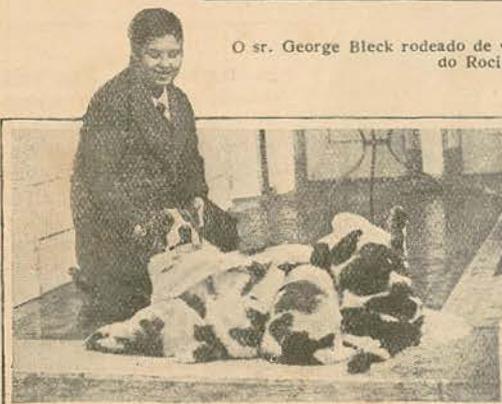
Presepio que na noite do Natal esteve exposto na embaixada do Brazil em Lisboa, de que é autor o *maitre d'hotel* da mesma embaixada.

George Bleck. — Depois de alguns dias de visita a sua familia, residente em Lisboa, regressou a Inglaterra em cujo exercito está militando com o posto de tenente ganho em combate, o sr. George Bleck, moço muito querido da nossa primeira sociedade pelas suas brilhantissi-



O sr. George Bleck rodeado de varios amigos que foram despedir-se á estação do Rocio.—(Cliche Benoiel).

mas qualidades pessoas e de caracter. A' estação do Rocio, onde tomou o comboio para Hespanha, foram muitos amigos despedir-se do corajoso joven, que deixa os prazeres que a sua posição social lhe garantiu para ir para o campo de batalha, conscio de cumprir o seu dever. Acompanhou-o a Inglaterra seu pae o sr. Joseph W. H Bleck, consul da Grecia em Lisboa



Os irmãos do Radir

Para a subscrição do **SEculo**. — O distinto poeta sr. Cruz Magalhães, que os leitores da *Ilustração* conhecem de certo como um dos seus colaboradores mais distintos, ofereceu para a subscrição do *Seculo* mais um casal de lindos cachorros da Serra da Es-

trela, cuja raça ele mantem ha muitos anos n'um estado de pureza admiravel. Os animaesinhos estiveram em expcissão no elegante *Salão de Sport* do sr. dr. Santos L. ureiro, e foram arrematados, em licitação verbal, pelo sr. Alberto Santos, pela quantia de 50 escudos.



Dr. Antonio d'Azevedo Castelo Branco. — Na sua casa de Tinjeiras, Vila Real, em Traz-os-Montes, faleceu o sr. dr. Antonio d'Azevedo Castelo Branco, escritor, poeta e advogado muito distinto. Foi ministro da justiça no gabinete Hintze em 1893 e em 1896 foi elevado ao pariato.

O sr. dr. Antonio d'Azevedo Castelo Branco.

Foi tambem diretor da Penitenciaria de Lisboa, tendo elaborado notaveis relatorios sobre este sistema prisional.



Mr. Francis Charnes, diretor da *Revista dos Dois Mundos*, membro da Academia Francaza, falecido em Paris.

Visconde de Tinalhas. — Causou o mais profundo sentimento a morte do sr. Visconde de Tinalhas, um dos mais abastados proprietarios do distrito de Castelo Branco, onde tinha uma grande força politica. Bondoso em extremo para todos, um grande propulsor dos melhoramentos materiaes da sua terra deixa a mais viva saudade em todos os que choram a sua perda.



O sr. Visconde de Tialhas



7. O sr. Randolpho Rosmiro Correia Mendes, general da arma de infantaria do quadro de reserva, falecido em Lisboa.—8. O sr. João Julio Gonçalves Jardim, comerciante, socio da firma Jardim & Couto, falecido em Lisboa.—9. O sr. Julio Teixeira Marques, tenente de infantaria, falecido em Braga.—10. O sr. Tomaz da Mota Neto, importante agricultor de Vila Franca do Rosario, onde faleceu.—11. O sr. Carlos Augusto Correia, coronel reformado, falecido em

Lisboa.—12. O sr. José Teixeira Pinto dos Santos, funcionario da 2.ª direção de obras publicas do distrito de Lisboa, falecido recentemente.—13. O ator Matos (Antonio Joaquim de), falecido no Brazil. Trabalhou no teatro da Trindade e fez parte companhia de Emilia Adelaide, que o levou áquele paiz, por onde esteve o maior tempo da sua vida. Era um excelente coração e um bom colega e artista de muitos simpatias no publico, que muito o estimava.



O sr. Mario de Sá Carneiro

O interessante artigo do distinto escritor sr. Mario Sá Carneiro, transmitindo as vivas impressões que trouxe da sua visita aos campos da batalha do Marne, em companhia do nosso insigne colaborador artístico, sr. Ferreira da Costa, não saiu exatamente como ele a escreveu, devido a lamentáveis lapsos de composição que o revisor não corrigiu, como devia, cingindo-se ao original.



Um notavel trabalho.—O distintissimo professor do Lyceu Pedro Nunes, sr. Luiz F. de Lencastre Schwalbach Luci, publicou uma elegante brochura intitulada *Potamologia*, que lhe serviu de dissertação no concurso de assistente do 5.º grupo (Geografia), da Faculdade de Letras de Lisboa, em cujo logar muito justamente foi provido.



O sr. Luiz Schwalbach Luci

E' um trabalho notavel, revelando n'ele o seu autor os vastos conhecimentos e erudição que possui, tratando com uma facilidade pasmosa

os estudos dos rios em geral e em especial do rio Tejo, ocupando-se profundamente d'este rio desde Villa Velha de Rodam a Tancos, sendo sobretudo interessantes as observações feitas sobre as conhecidas portas de Rodam. Trabalhos d'esta natureza honram sempre os seus autores porque servem de elucidario aos estudiosos que n'elles encontram sobrios elementos para o desenvolvimento das suas faculdades nos pontos abordados pelo illustre professor.

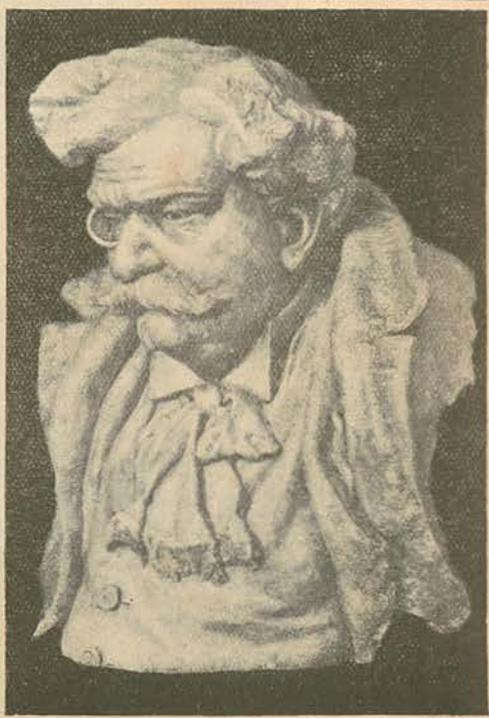
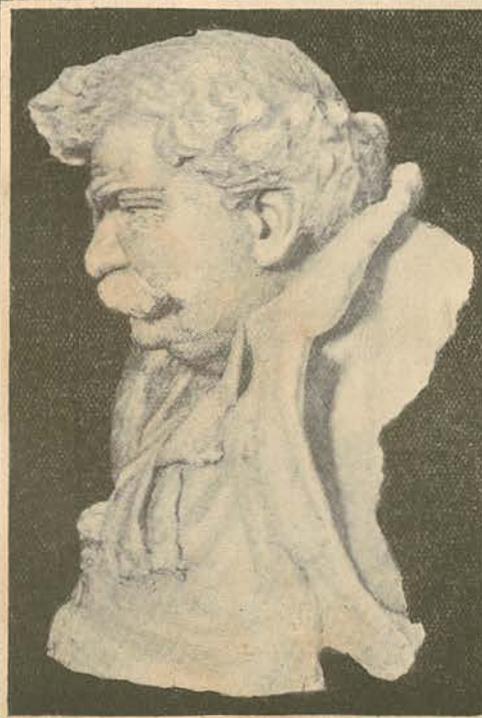


O sr. Antonio Correia de Oliveira, illustre poeta do *Auto do Fim do Dia*, que encetou a publicação de dez poemas sob o titulo geral *A minha terra*, de que já estão publicados dois em elegantissimos volumes: I. *Caminhos*, II. *Auto do Ano Novo*.



O sr. Penha e Costa, autor do romance recentemente publicado *Sol que nasce*.

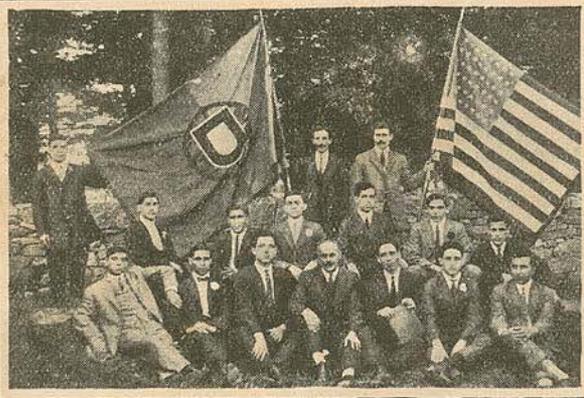
Monumento a Bordalo Pinheiro.—Por iniciativa do sr. Alfredo Pinto (Sacavem), o conhecido e apreciado cronista musical, o grande caricaturista Rafael Borda o Pinheiro vae ter o seu monumento no jardim das Caldas da Rainha, vila que ele tanto enobrecceu com as suas faianças inigualáveis e que tão admiradas tem sido em muitas exposições nacionaes e estrangeiras. E' autor do monumento o joven escultor sr. Rui Teixeira Bastos, que, n'uma feliz inspiração, apresenta o grande mestre da caricatura, em busto, n'uma esplendida attitude de observação, trabalho que tem merecido os mais justos elogios das pessoas que visitaram o atelier do moço escultor, que já se reveiára artista de muito merito no busto de Camilo, executado de uma forma vigorosa e com nitida expressão.



5. O sr. Rui Teixeira Basto, autor do busto.—6. Dois aspetos do busto de Bordalo Pinheiro



Lá fóra. — O Club Republicano Portuguez, de New-Belford, America do Norte, celebrou o 1.º de dezembro do ano findo com uma sessão solene a que presidiu o consul portuguez em Boston, sr. Jorge da Silveira Duarte, que proferiu um entusiastico discurso exaltando a idéa da Patria e acentuando quanto



beneficios sob a égide da Republica, declarando igualmente que dentro em pouco começará funcionando em Boston a primeira escola official portugueza. Falaram ainda outros oradores enaltecendo egualmente o nome portuguez, celebrando-se depois uma parada da guarda marinha do Club e o

Portugal tem a esperar de juramento de bandeiras.



1. Um grupo de socios do Club Republicano Portuguez em New-Belford na America do Norte.—2. Grupo dramatico do Club Republicano Portugal em New-Belford na America do Norte.—3. Grande sala de jantar do Central Hotel do Pará (Brazil), pertencente ao devotado amigo da *Ilustração portugueza*, sr. M. Lopes Serra.—(Cliché do fotografo Contente, do Para),

TEATRO AVENIDA



1. A atriz Irene Gomes.
2. A atriz Francisca Martins.

13. O ator Placido Ferreira.
14. O ator Augusto Costa.



3. O ator Antonio Gomes.
4. O ator Carlos Leal

15. A atriz Herculina Carmo.
16. A atriz Adelia Batista.



5. A atriz Maria Soier.
6. A atriz Ema d'Oliveira.
7. A atriz Elisa Santos.
8. A atriz Margarida Veloso.

17. A atriz Marieta Mariz.
18. A atriz Maria Alice.
19. A atriz Alice Durão.
20. A atriz Alda Stinchine.



9. O ator Jorge Grave
10. O ator Jaime Silva.
11. O ator Amadeu Ferrari.
12. O ator Luiz Bravo.



21. O maestro Cruz Braz.
22. O ator Abilio Batista.
23. O ponto Mario Santos.



Novo governador de Moçambique



O sr. dr. Alvaro de Castro, governador geral da provincia de Moçambique, com a sua familia e ajudantes a bordo do Moçambique

O novo governador geral de Moçambique, quando aportou a Capetown, foi recebido d'uma forma gentilissima pelo consul portuguez, sr. Manuel d'Arriaga, que o levou a passear e á sua comitiva pelas ruas da cidade que é magnifica, com um movimento extraordinario e com construções de primeira ordem.

Visitaram tambem os arredores de Capetown, onde tiveram sempre um ottimo acolhimento. A situação da residencia do governador geral é de primeira ordem.

Na Africa quanto mais belos são os aspetos, mais perigosos os locaes.

Este conceito, segundo informam na região, pôde estender-se da natureza aos homens.

No dia 2 de dezembro de 1915 os officiaes que estão em Lourenço Marques ofereceram ao governador um copo de agua no Gremio Militar.

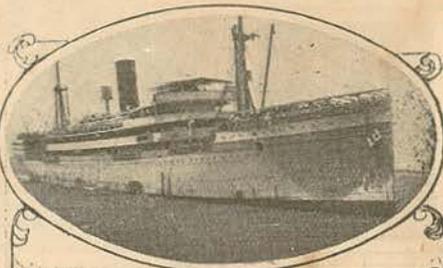
A principio a festa destinava-se ás forças expedicionarias mas depois foi oferecida ao governador.

Foi feito um entusiastico brinde ao sr. dr. Alvaro de Castro a que ele correspondeu com um outro todo

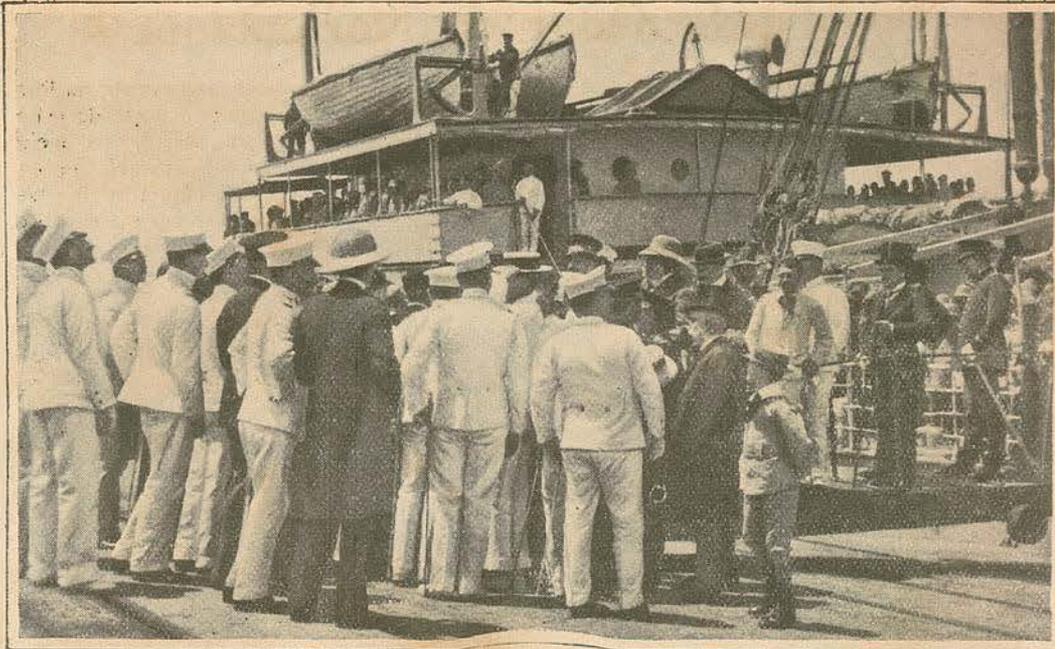


Aspetto do caes no momento do vapor atracar

caloroso, frisando que todos os elogios competiam ao comandante da expedição, expondo, ao mesmo tempo, a sua opinião sobre o apoio de que carecia, etc. O sr. dr. Alvaro de Castro foi felicissimo no seu discurso que causou uma ótima impressão. No mesmo dia 2, depois do banquete e em seguida ao despacho, foi visitar as instalações do caminho de ferro e



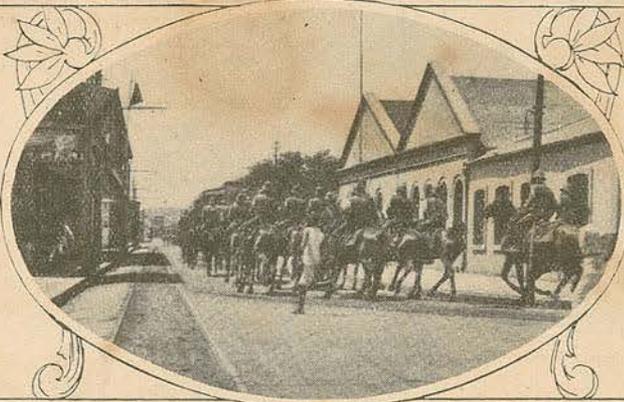
O Moçambique, que transportou o sr. dr. Alvaro de Castro



estação carvoeira que é de primeira ordem.

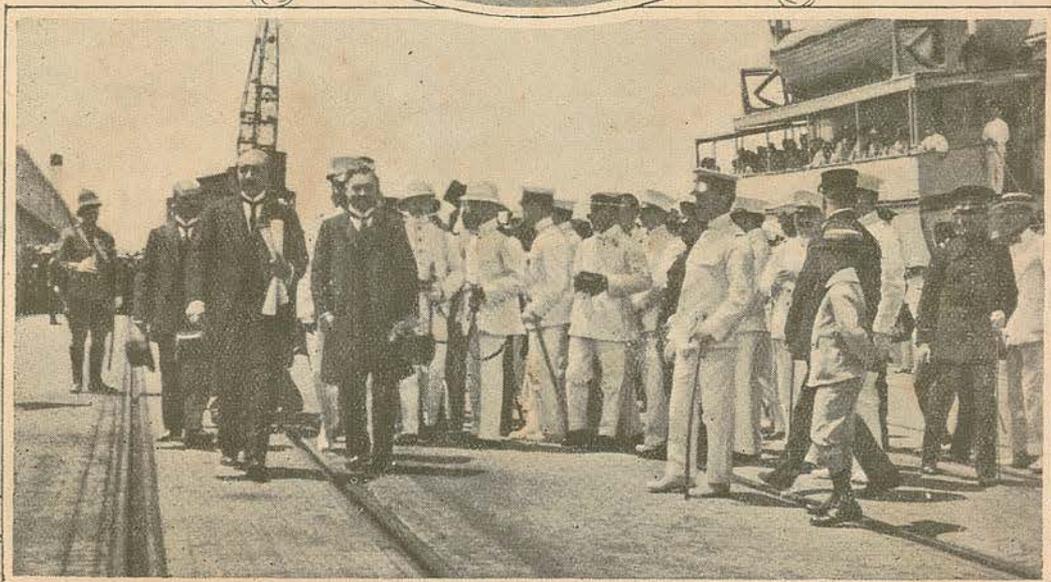
A casa do governador, que tem um belo aspeto exterior possui, todavia, um interior ignobil para o cargo.

No dia 2, antes do embarque da ex-



A cerimonia decorreu muitissimo bem e o sr. dr. Alvaro de Castro foi felicissimo na ligeira alocução que pronunciou.

O novo governador leva uma vida intensissima de trabalho, levantando-



1. O presidente da camara de Louranco Marques lendo uma mensagem—2. Escolta da guarda republicana acompanhando o novo governador a caminho do conselho do governo — 3. O sr. dr. Alvaro de Castro, acompanhado do sr. dr. Frias, passando revista á guarda republicana

pedição, houve a cerimonia da entrega da bandeira de seda oferecida pelo sr. governador.

do-se as 6 horas da manhã e deitando-se ás 23.

TEATROS

O PRIMO BAZILIO, no Ginasio

O Primo Bazilio? Assim m'o afirmaram pessoas que me merecem o maior credito. Mas eu confesso que não o reconheci. Se me não tivessem prevenido, eu suporia que se tratava do *Sua Excelencia*, de Gervasio, traduzido em semsaboria e em salada de cenouras. O sr. dr. Vaz Pereira, autor da peça, tem apenas a



A atriz Maria Matos

acusal-o o pecado d'uma candida ingenuidade teatral. Dizem-me que é uma pessoa muito inteligente e culta. Creio-o bem. Foi n'uma hora má que teve aquela diabolica idéa de querer extrair uma peça do episodio burguez de Eça de Queiroz. O resto veiu depois, inevitavelmente. Estava previsto. Mas o adaptador d'*O Primo Bazilio* tem uma desforra a tirar: fazer quanto antes uma obra sua, de sua conta e imaginação. Ha de ter quem o ataque, naturalmente. Mas ha de ter tambem, se tem valor, quem o aplauda. E essa desforra exigem-lh'a aqueles que, como eu, não puderam d'esta vez encontrar, com vivo desgosto, senão motivos para não o aplaudir.

Maria Matos, que realisou com a *première* do *Primo Bazilio* a sua festa artistica, tem na interpretação da *creada Juliana* e na encenação da peça um trabalho notavel.

A ESPIGA, no Teatro da Rua dos Condes

Mas, palavra d'honra, é espiga! D'esta vez não tenho senão que dizer mal. Aquela *Espiga*, de Pereira Coelho, Gustavo Sequeira e Marçal Vaz, que eu ha anos vi na Feira

d'Agosto, não a reconheci tambem ali, na Rua dos Condes. Recordo ainda a noite de estio em que, com um amigo, assisti, no meio do barracão, ao espetaculo amavel, popular, gracioso, d'esta revista. Havia n'ela espontaneidade, o trabalho ligeiro e alegre de tres espiritos moços que o sucesso ainda não fatigára. Era interessante e divertia. *A Espiga* fez um grande exito. Passaram-se anos. *A Espiga* hospeda-se ali na Rua dos Condes — mas empobreceu muito, perdeu a memoria, a rapidez, o estouvamento. Esta *Espiga* d'agora tem callos, falta de movimento — e coristas, roupas e cenarios levados dos diabos!

D'esta impressão menos agradavel ha coisas e pessoas que convém excetuar, além da peça que não tem culpa da pressa excessiva com que a trataram. Cinira Polonio é, por exemplo, a artista elegante de sempre e Pilar Monteiro é gentil e viva como de costume, sobre-



Maria Matos, na creada Juliana



Uma cena do *Primo Bazilio*

tudo nas suas danças do ultimo quadro, que são muito interessantes e artisticas e tiveram um belo exito. Ainda ha outros numeros a destacar e aplaudir.

...E não se fala mais em coisas tristes.

A. de C.

(Ilustrações de Hipólito Colomb).